



MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA NO MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS: UM ESTUDO DE CASO¹

PUGGIAN, Cleonice

Docente do Programa de Pós-graduação em Letras e Ciências Humanas, UNIGRANRIO

Docente da Faculdade de Formação de Professores, UERJ

Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ 2013-1016)

Bolsista de Produtividade em Pesquisa UNIGRANRIO/FUNADESP

cleo.puggian@gmail.com

CAVALCANTE, Monica Cristina Celano

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras e Ciências Humanas, UNIGRANRIO

rio129983@oi.com.br

378

RESUMO

Neste artigo apresentamos os resultados de um estudo de caso sobre a mediação de tecnologia no município de Duque de Caxias. Exploramos, em especial, as transformações causadas no trabalho dos docentes que foram indicados para a função de mediadores de tecnologia nas escolas da rede pública municipal. O referencial teórico articula estudos sobre mediação, tecnologia e identidade docente. Dados foram coletados através da análise de documentos e de entrevistas semiestruturadas conduzidas durante o ano de 2013 e 2014. Resultados revelam o perfil destes docentes e os processos que constituem sua ação pedagógica na escola, descrevendo elementos significativos para pensarmos a implementação das tecnologias da informação e comunicação nas escolas públicas.

Palavras-chave: Identidade docente. Mediação tecnológica. Duque de Caxias.

ABSTRACT

In this paper we present a case study on the mediation of technology in Duque de Caxias. We explore, in particular, the changes caused in the work of teachers who have been appointed to the role of mediators of technology in public schools. The theoretical framework articulates studies on mediation, technology and teacher identity. Data were collected through document analysis and semi-structured interviews conducted during 2013 and 2014. Results reveal the profile of these teachers and the processes that constitute their pedagogical activities in school, describing significant elements to analyze the implementation of information technology in public school.

Key-words: Teacher Identity. Technological mediation. Duque de Caxias.

¹ Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do grupo de pesquisa “Relações Raciais, Desigualdades Sociais e Educação” (CNPq), estando ligado ao projeto “Injustiças Ambientais, Tecnologias e Culturas Juvenis”, financiado pela FAPERJ (Edital Jovem Cientista do Nosso Estado) e FUNADESP/UNIGRANRIO (Bolsa de Produtividade em Pesquisa).



1 IDENTIDADES E TECNOLOGIAS NA CONTEMPORANEIDADE

As constantes mudanças, o estado globalizado e a superficialidade das relações humanas compõem as bases do estudo sobre a contemporaneidade, chamada por Bauman (2001) de “modernidade líquida”. A palavra “líquida”, empregada pelo autor, refere-se à fluidez da sociedade, constantemente em alteração, assim como à redefinição dos parâmetros das relações humanas. Tudo é muito rápido, muito pouco palpável, a subjetividade e a superficialidade não permitem a construção de algo estável.

Compreendendo a sociedade e a globalização, percebe-se que a ideia de territorialidade não possui mais a dimensão de antes. A nacionalidade não configura como gestora da identidade. O estado não é mais o provedor da segurança e da estabilidade. A identidade passa a buscar noutras categorias a sua construção.

A globalização trouxe mudanças no comportamento humano, a individualização fez com que o homem também adquirisse uma postura “líquida” em seu conviver social. A constante busca por lucros definida pelo consumismo revelaram uma competição e uma constante necessidade de especialização. A busca agora é por um reconhecimento ditado pela concorrência social. Nesse contexto, pode-se fazer o seguinte questionamento: construímos a nossa própria identidade?

A identidade na atualidade não se prende a apenas um contexto, ela varia, se reformula e vai adquirindo novas nuances a medida que novos eventos ou novas necessidades surgem. Com as inovações tecnológicas próprias da sociedade da informação, as adaptações foram imprescindíveis para conseguir atuar na sociedade. Hoje em dia, são raras as pessoas que não possuem um aparelho celular. Aquelas que nunca utilizaram um computador são poucas, tendo em vista que até mesmo para se locomover utilizam a tecnologia. Usam cartão magnético para pagamento de passagem aérea. Possuem cartões magnéticos para transações em agencias bancárias e precisam de uma série de números e senhas que as qualificam diante dos mais variados órgãos. A identidade passou a ter uma nova característica no mundo que vivemos, passou a ser também virtual. No ambiente virtual criam perfis com outros nomes e características pessoais. É possível até mesmo fazer um diário virtual, uma página onde as pessoas acessam e postam informações de sua vida. Tais informações virtuais são compartilhadas numa rede de proporção mundial. A “desterritorialização do presente”, conforme diz Lévy (1996) reflete essa superação de limites e barreiras geradas pela sociedade



de consumo e pela vontade cada vez maior de se concretizar uma identidade mundial com características que podem ser forjadas a qualquer momento.

Se por um lado todos possuem acesso à informação e são integrados por sistemas que permitem comunicação e a derrubada das barreiras limitadoras do estado-nação, por outro lado, o encurtamento das distâncias e a flexibilidade de integração com outras localidades fizeram com que a atualidade voltada para a globalização convivesse com uma dualidade intrínseca em sua estrutura.

A distância é um produto social, sua extensão varia dependendo da velocidade com a qual pode ser vencida (BAUMAN, 2001). O encurtamento de distâncias citado acima é consequência do término das limitações geográficas que foram provocadas pela propagação das informações e dos meios de comunicação, do mesmo jeito, um grande e progressivo desenvolvimento tecnológico que, ao invés de diminuir os espaços das diferenças, as enfatizou.

A “abertura” promovida pela globalização e trazida pelo encurtamento das distâncias permitiu uma mobilidade urbana que garantiu a variação do cenário social. O medo da violência e das mazelas passou a ser menor diante da imensidão proposta pela sociedade da informação (BAUMAN, 2001, p.54). A sociedade da informação é a nova estrutura social que surgiu com a globalização e com a necessidade de comunicação rápida, eficaz e instantânea. Também traz em seu interior questões sobre o consumismo, o papel do estado e a reorganização territorial.

Segundo Castells (1999), a sociedade da informação ou a sociedade em rede está alicerçada no poder da informação e contida no processo de alteração constante decorrente dos avanços científicos e tecnológicos. “A geração, processamento e transmissão de informação torna-se a principal fonte de produtividade e poder” (CASTELLS, 1999, p.21). Promove mudanças significativas no interior dos grupos sociais através da ânsia pela adaptação às mudanças ou pela necessidade de comunicação e até mesmo pela constatação que o isolamento repercute no decréscimo econômico. Políticas públicas que fomentem a “inclusão digital” na sociedade da informação tem sido adotadas nos vários níveis de governo. No município de Duque de Caxias, por exemplo, foram criadas as Salas de Informática Educativa (SIEDUCA) e instituído o cargo de mediador de tecnologia educacional.



2 O CASO ESTUDADO: MEDIAÇÃO DE TECNOLOGIA NO MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS

O município de Duque de Caxias encontra-se localizado na Baixada Fluminense do estado do Rio de Janeiro. Abriga um contingente populacional de quase um milhão de habitantes. A idealização das Salas de Informática Educativa (SIEDUCA) e do cargo de mediador de tecnologia educacional começou na década de 1990, quando um grupo de profissionais da Secretaria Municipal sentiu necessidade de criar uma equipe voltada para o uso das tecnologias aplicadas à educação. Em 2005, esta equipe se transformou na Coordenadoria de Tecnologia da Informação, que cuida dos equipamentos tecnológicos das escolas, promove formação continuada e gerencia a atuação pedagógica e técnica dos mediadores de tecnologia educacional. Esta coordenadoria possui em seu interior um grupo – o Núcleo Tecnológico Educacional Municipal de Duque de Caxias (NTEM).

[...] é um espaço onde todos os profissionais da educação podem contar com uma estrutura de apoio técnico-pedagógico ao processo de informação das escolas (...) a função de sensibilizar e motivar as escolas para a incorporação efetiva das tecnologias da informação e comunicação ao cotidiano pedagógico escolar. Desenvolvendo um programa de formação continuada com cursos, oficinas e eventos para os educadores da rede pública de educação, procurando sensibilizá-los e prepará-los para o uso pedagógico das tecnologias de forma autônoma e independente. (DUQUE DE CAXIAS, 20013, s/p).

A implementação desta política municipal foi possível graças às verbas do governo federal e de vários programas, como o PROINFO. Ao longo dos anos, a rede chegou a possuir 120 professores mediadores de tecnologia educacional, o que fazia com que a maioria dos estudantes tivesse acesso às novas mídias educacionais. Cabia ao mediador de tecnologia:

[...] fomentar e promover o uso das tecnologias na unidade escolar através das formações em grupo de estudos e/ou outras formas de organização da escola, inovando e incentivando mudanças positivas na prática de ensino. Ele é o elo para concretização dos objetivos que a escola/professores traçarem utilizando as diversas tecnologias, a fim de proporcionar a construção de um ambiente de aprendizagem significativo”. (Ofício nº03/2013, CTAE/SME-DC)

Conforme pode ser visto no fragmento acima, o papel dos mediadores de tecnologia era enriquecer a prática pedagógica e essa missão vinculava-se à sua identidade profissional. As salas de informática educativa eram de inteira responsabilidade destes profissionais. A



utilização dos recursos materiais e tecnológicos estava condicionada à sua presença. Nas SIEDUCA ficava acomodado o acervo tecnológico da escola. Os computadores eram equipados com o sistema operacional Lineduc, uma associação do LINUX com aplicativos educacionais para o ensino fundamental, especialmente desenvolvido para a rede pública do município. O sistema operacional possuía aplicativos, jogos, browser para acesso à internet e acessórios que permitiam a programação de atividades e a elaboração de tarefas que atendiam as exigências curriculares.

3 A PESQUISA E SEUS RESULTADOS: UM NOVO OLHAR PARA O TRABALHO DOCENTE

Durante o ano de 2013 e 2014 conduzimos uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, envolvendo mediadores de tecnologia do município de Duque de Caxias. Tivemos acesso a 55 registros destes docentes através da secretaria, através dos quais pudemos aprender sobre o perfil destes profissionais. Notamos, por exemplo, que eram, em sua maioria, do sexo feminino, o que correspondia a 90% do total de registros disponibilizados. A maioria dos mediadores de tecnologia educacional eram professores II, ou seja, professores da educação infantil ou do primeiro ao quinto ano de escolaridade. Esse total representava 89% dos registros analisados. Com relação a faixa etária dos profissionais, percebe-se uma grande concentração de sujeitos entre 31 e 40 anos. A distribuição etária dos profissionais era: 7% entre 20 e 30 anos de idade, 57% entre 31 e 40 anos de idade e 36% entre 41 e 50 anos de idade. Ressalta-se que para assumir a função de professor mediador de tecnologia educacional, o professor deveria pertencer ao quadro funcional da rede de ensino há no mínimo três anos. Período referente ao cumprimento do estágio probatório funcional, requisito para aquisição da estabilidade no cargo.

A formação acadêmica ocorreu diversos níveis: ensino médio, correspondendo a 6 % do total; graduação em educação ou áreas afins, correspondendo a 44% do total; graduação em outras áreas, correspondendo a 1% do total; especialização *lato sensu*, correspondendo a 46% do total; e mestrado e/ou doutorado, correspondendo a 3% do total.

Além da análise do registro de pessoal, também conduzimos entrevistas com oito mediadores de tecnologia. Os critérios usados para a escolha dos entrevistados foram três: tempo na função de professor mediador de tecnologia, tempo na regência de turmas e quantidade de portfólios apresentados à Coordenadoria de Tecnologias Aplicadas à Educação.



Todos os professores entrevistados passaram pela experiência da regência de turmas regulares e/ou do ensino de jovens e adultos.

Uma das informações que se repetiu na fala desses oito mediadores foi a visão que tinham de si mesmos. A maioria dos colaboradores afirmou que sempre se considerou um professor, não haviam perdido esta característica apesar de serem chamados de “extra-classe”. Alguns até salientaram que esse termo “extra-classe” não era apropriado, pois em muitas situações como ausência de docentes e extinção da função (situação atual) esses profissionais eram convocados para regerem turmas. A professora Célia, por exemplo, disse: “[...] considero-me uma professora como os demais, que utiliza os recursos tecnológicos para melhor viabilizar a aprendizagem dos alunos”.

Segundo a Professora Sandra, a interação com os professores foi um dos grandes “ganhos” para os mediadores, pois passaram a “incorporar” em suas práticas a atuação compartilhada, o planejamento integrado e a fragmentação curricular passou a ser algo menos frequente e passível de mudanças.

Antes de ir pra SIEDUCA não conhecia todos os professores da escola, só trabalhava num turno e nem sabia dos colegas dos outros turnos. Na SIEDUCA tive que atuar na escola toda e pude conhecer e trabalhar junto com muitos professores. Tive que aprender a conviver com diferentes opiniões.

Os mediadores de tecnologia buscavam promover a qualidade da aprendizagem a partir da utilização de tecnologia como recursos/suporte onde as habilidades fossem estimuladas, compreendidas e fomentadas pelos professores.

Os alunos adoravam a aula. E minha relação com eles era ótima, pois eles queriam participar da aula e isso fazia com que o processo de aprendizagem acabasse fluindo muito bem. Percebia que o trabalho com duplas, que era como fazia na sala de informática, levava os alunos a ajudarem uns aos outros. No mundo de hoje, tão egoísta, isso é fundamental. (Professora Célia)

O trabalho em colaboração é um dos recursos que o professor utiliza para promover a integração e para perceber os níveis de desenvolvimento de seus alunos. O egoísmo narrado pela professora entrevistada faz referência a uma situação das relações sociais na atualidade, onde o isolamento é visto de forma cada vez mais forte.

A escola possui uma função social e reflete no seu interior aspectos da sociedade em que se insere. Com relação ao ambiente visto na escola, Gardner (1989) sugere que as escolas oportunizem o conhecimento de diversas disciplinas básicas e que estimulem e encorajem seus



alunos a adotar e utilizar esse conhecimento para resolver problemas e realizar tarefas que estejam relacionadas com a vida na comunidade que se inserem e que favoreçam o desenvolvimento de combinações intelectuais individuais, com base no potencial individual. A narrativa da Professora Janete segue uma linha similar: “fazer da sala de aula um lugar mais atraente para os alunos, já que o cotidiano dos alunos, mesmo os mais pobres é dinâmico... Eu acredito que a escola também deve ser dinâmica”.

A identidade docente, assim como toda a identidade profissional tem suas nuances e peculiaridades próprias e específicas do cargo. Segundo Raymond e Tardif (2000), o trabalho modifica o profissional e sua identidade, o que, com o passar do tempo, modifica o seu saber sobre como exercer a profissão.

A experiência da mediação tecnológica foi um diferencial na vida profissional dos professores entrevistados. Uma trajetória que teve seu início em virtude do interesse pelas tecnologias da comunicação e informação, como afirma a Professora Janete: [...] fui mediadora por cinco anos, sempre fui interessada no emprego das diferentes tecnologias na prática diária”.

Esse interesse em novas práticas e recursos pedagógicos é um traço da identidade docente do professor como indivíduo profissional e não como grupo (categoria).

[...] fui indicada pela ex-diretora da minha escola, depois de falar para ela o meu interesse em trabalhar com tecnologia educacional. Estava querendo algo diferente da sala de aula, um novo desafio, algo que me fizesse voltar a estudar, a ver outras técnicas, conhecer outras pessoas, trocar experiências. – Professora: Célia

A aptidão foi o estímulo que se associou à indicação do gestor (diretor) de cada unidade escolar. A partir de uma vontade expressa pelos professores e da permissão que é dada através de uma indicação por escrito à Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias, surgia o profissional na escola. Todos os professores entrevistados para esta pesquisa, já lecionavam na escola e eram observados há algum tempo pelos gestores.

Estando na função de mediador de tecnologia educacional, esse profissional tinha uma responsabilidade diferenciada dos demais professores da escola. O fato de não assumirem uma única turma (caso dos professores II) ou um grupo de turmas (caso dos professores I, que ministram uma disciplina de formação específica), gerou uma necessidade de mudança de hábitos, tais como:

- planejamento integrado e participativo ao invés de planejamento por área;



- ministrar aulas com outro professor da disciplina ou turma para assegurar a associação tema da aula/mídia adequada;
- compreender as mídias educacionais disponíveis e principalmente a principal ferramenta das salas de informática educativa, o programa educacional LINEDUC;
- fazer relatórios de atividades constantemente com a participação do professor solicitante da aula;
- utilizar uma agenda de aulas para assegurar que todos os professores teriam as mesmas oportunidades de atuação nas salas de informática educativa com a presença do professor mediador de tecnologia educacional dando o suporte necessário;
- participar dos cursos de formação continuada oferecidos pela coordenação de tecnologias aplicadas à educação de Duque de Caxias com a intenção de se manter atualizado quanto as novas versões do LINEDUC, para trocar informações com outros mediadores e para prestar contas de sua atuação;
- organizar portfólios de acordo com os atendimentos feitos sob a forma de apresentação em mídia digital;
- conhecer o corpo docente e discente da unidade escolar a fim de perceber as necessidades do grupo e para levar a sua contribuição para todos, inclusive os mais resistentes às mídias educacionais;
- ter a consciência de seu planejamento é muito flexível e passível de mudanças. Estar sempre preparado para uma imprevisto. Exemplo: uma aula planejada com uma professora que necessita da conexão com a internet e justamente no dia e momento da aula, a internet não está disponível.

As entrevistas revelaram que o trabalho do professor mediador de tecnologia educacional não se diferenciava do trabalho dos professores regentes apenas pela utilização das mídias educacionais. Os resultados deste estudo indicam que o aspecto que mais causou repercussões em práticas docentes futuras foram as novas aspirações e buscas acadêmicas que esses profissionais passaram a ter em virtude do contato com as tecnologias. A necessidade de uma formação continuada é um exemplo disto, a princípio como imposição da Coordenação de Tecnologias Aplicadas à Educação através de encontros mensais em escolas pólos, posteriormente por iniciativa própria.



Ao conduzir as entrevistas para esta pesquisa, alguns mediadores ressaltaram que a experiência nas salas de informática educativa foi a motivação que precisavam para continuarem seus estudos buscando especializações e mestrados.

[...] lembra quando começamos na tecnologia, a ETEDUC (hoje coordenadoria de tecnologias aplicadas à educação – CTAE), dava uma série de cursos, treinamentos e capacitações para a gente. Foi conversando com as colegas nestes cursos que fui estimulada a fazer uma pós-graduação. Com o PROINFO, que poderia ter virado uma especialização, vi que queria mais. Pena que não tivemos mais o PROINFO, mas hoje faço mestrado. Professora: Célia

A professora entrevistada estava se referindo ao curso ministrado pela plataforma Paulo Freire através de uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias. O curso era uma capacitação para professores mediadores de tecnologia educacional com carga horária presencial e a distância, com a tutoria de implementadores da Coordenadoria de Tecnologias Aplicadas à Educação de Duque de Caxias.

Se para a entrevistada a motivação para dar continuidade à vida acadêmica foram as oportunidades para formação continuada, para outra entrevistada, a própria mediação tecnológica constituiu um incentivo para novos estudos.

[...] eu mudei. Usei mais mídias e isso influenciou na minha parte acadêmica também. Já fiz cinco especializações, sendo três em tecnologia: mídias e educação, educação à distância e tecnologia aplicada à educação, todas em instituições públicas. Professora Sandra

Essa busca por especializações, cursos de aperfeiçoamento, extensões universitárias e até mesmo mestrados foi necessária porque o profissional inserido na função de mediador de tecnologia buscava conhecer algo novo. Os cursos de graduação que oportunizaram sua inserção no magistério público eram de uma geração anterior. Essa necessidade de compreender como a tecnologia educacional contribuía para a prática pedagógica e como usar esses recursos, sem que fosse apenas de forma lúdica ou para entretenimento, era um desafio. Um professor que concluiu a graduação no final dos anos oitenta, possivelmente, não utilizava o computador em casa. Fazia as suas pesquisas sem o GOOGLE, pois naquela época consultava os livros. Os alunos da atualidade procuram primeiro na internet e depois nos livros. O professor que atua hoje, provavelmente, teve a sua formação profissional na sociedade de consumo. A utilização da tecnologia educacional é algo mais recente, mais próximo e conhecido pelos alunos. Portanto, a busca por um saber adaptado à nova realidade fez com que



os professores procurassem formas de atualização que os levassem a compreensão das tecnologias da informação e da comunicação nos ambientes escolares. Segundo Tardif (2002, p.241) “se o trabalho dos professores exige conhecimentos específicos à sua profissão e dela oriundos, então, a formação de professores deveria, em boa parte basear-se nesses conhecimentos”.

Para aqueles profissionais que atuam com a tecnologia como recurso, ou seja, como ferramenta de trabalho e dando suporte a outros professores como os professores mediadores de tecnologia educacional do município de Duque de Caxias, a necessidade de conhecer mais esse novo recurso e de compreender as contribuições para a prática docente se fizeram necessárias e até mesmo essenciais para sua atividade profissional. Segundo a Professora Carla: “[...] foi um incentivo para minha vida profissional. Após ter sido mediadora percebi que a tecnologia fazia parte de mim. Acreditei nela e busquei estudar mais e me especializar”.

[...] o JCLIC (software educativo utilizado no LINEDUC para criação de jogos e atividades educacionais), me ajudou muito, pois criei uma atividade para desenvolver com as crianças do quinto ano de escolaridade e foi o meu produto apresentado como pesquisa no meu mestrado. Não sei se poderei usar a SIEDUCA com a mesma liberdade de antes. Agora não atuamos mais lá dentro, mas gostaria de aplicar o meu produto com os alunos da escola. – Professora Célia

Essa especialização que os entrevistados narraram ter buscado com o incentivo da mediação tecnológica manteve uma relação com a atuação nas salas de informática educativa no que diz respeito à utilização da experiência em dissertações e pesquisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vemos através destas narrativas que as tecnologias da informação e da comunicação motivam a construção de novos saberes e atuam como produtoras e distribuidoras de conteúdo para essa sociedade informatizada, midiática e conectada virtualmente. Se a revolução tecnológica faz parte do surgimento de uma nova sociedade e se a escola atua colaborando com a formação de indivíduos ativos socialmente, a tecnologia também exerce um papel na educação, como forma de aquisição de informação/conhecimento. Notamos isto através da experiência dos mediadores de tecnologia de Duque de Caxias, função extinta no início de 2014, em virtude de um decreto municipal.

O professor mediador de tecnologia educacional “media a mediação docente” utilizando



os recursos tecnológicos para estabelecer essa mediação. Sua prática está em trabalhar junto ao regente de turma em busca da excelência.

O conceito de mediação pedagógica é observado na obra de Moran (2000), onde a preocupação com a qualidade do ensino põe em cheque o desempenho dos professores. Segundo ele a mediação pedagógica pode ser vista “como categoria presente tanto no uso das próprias técnicas como no processo de avaliação e, principalmente, no desempenho do papel do professor” (MORAN, 2000, p.08).

Tal estudo vai ao encontro do pensamento de Perrenoud (1999), para quem os profissionais de ensino precisam se adaptar a novas realidades. Ele argumenta que “cabe aos profissionais do ensino, em geral, uma parcela expressiva da responsabilidade de realização de tais transações, e para tanto suas competências devem estar alinhadas com as demandas da sociedade moderna” (PERRENOUD, 1999, p.08).

As considerações de Perrenoud (1999) se ligam as de Tardif (2011) ao se dedicarem à formação docente, seja de competências, seja pelas interações entre os indivíduos. Segundo Tardif (2011), um dos aspectos fundamentais que caracterizam a profissão docente é a capacidade de interagir com as pessoas. uma das grandes transformações trazidas pela tecnologia educacional é a adoção de espaços diferenciados da aprendizagem. O rompimento com a questão temporal e espacial proposto pela virtualidade e pelo ciberespaço constituem um novo rol de oportunidades na educação, ao oferecer ao aluno novas formas de acesso a informação, saída do ambiente da sala de aula e uma participação mais ativa em seu processo de aprendizagem.

Na educação, os recursos tecnológicos ampliam a oferta de informação, otimizam relações e promovem mudanças nas práticas pedagógicas. Os recursos tecnológicos, as diversas mídias e equipamentos eletroeletrônicos cumprem o papel de difundir e permitir o armazenamento de informações através da mediação e da interação que viabilizam aos seus usuários e operadores. A aprendizagem passa a ocorrer também no ambiente virtual. Segundo Lévy (1999, p.15):

[...] a palavra virtual vem do latim *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato (...), o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes.

O virtual ampliou o espaço reservado e delimitado da sala de aula. Alguns especialistas consideram que na atualidade existe um “gap geracional” que diz respeito ao fato dos alunos



serem “nativos digitais”, pois nasceram na era da informação e adquirem uma postura amplamente receptiva diante dos aparelhos, mídias e tecnologias disponíveis, ao passo que os professores pertencem a uma geração anterior, para a qual tais recursos estavam em evolução e em inserção nos mais variados ramos das atividades humanas.

As tecnologias vêm potencializar a figura e o ofício do educador, que de mero retransmissor de saberes deverá converter-se em formulador de problemas, provocador de interrogações, coordenador de equipes de trabalho, sistematizador de experiências, e memória viva de uma educação que, em lugar de ater-se ao passado, valoriza e possibilita o diálogo entre culturas e gerações. (MARTIN-BARBERO, 2001, p. ??)

A utilização de recursos tecnológicos pode promover a veiculação dos conceitos e conteúdos pedagógicos, propondo uma nova estrutura nos processos de aprendizagem, revelando novos papéis na educação, novas estratégias metodológicas e novas competências.

Mídiaeducação é uma pedagogia inovadora que promove o estudo da mídia e da produção de conteúdos para os meios de comunicação como parte do projeto pedagógico. A abordagem mídiaeducativa está focada na implementação de ações em comunidades educacionais para o planejamento, a implementação e a gestão de iniciativas que integrem comunicação e educação na sala de aula, com o desenvolvimento das competências e habilidades comunicativas para a formação de educandos com mais recursos para dialogar no mundo midiático; e no interior da escola, com a construção de sistemas e dispositivos que ampliem e fortaleçam as redes de comunicação. (GONTIJO, 2002, p.??)

A utilização das tecnologias na educação aumenta o rol de diferentes linguagens expressas pelos diferentes recursos tecnológicos potencializando a troca de informação, saberes, atitudes críticas e valores. O currículo aparece como um “fio condutor” desse cenário tão diversificado e influente tanto para o aluno como para o professor.

A organização do currículo por projetos de trabalho é uma forma de organizar os conhecimentos curriculares numa abordagem multidisciplinar (...), os projetos gerados refletem um alto grau de autoconsciência e de significatividade nos alunos com respeito à própria aprendizagem e resultam em novos sentidos, significados e referência de informação apresentada. (MULTIRIO, 2011, p.83)

Tal amplitude nas atitudes, nos comportamentos e nas competências fizeram com que as noções de espaço e lugar fossem repensadas. A sala de aula ganhou novos aliados e novos espaços de ensino. Esses espaços não se restringem ao ambiente escolar, pois a ideia de virtualidade confere novas formas de pensar nos conceitos de espaço e lugar.



O ambiente de aprendizagem não se resume ao espaço geográfico e adaptado da sala de aula. Nem se concentra na figura do professor. Um ambiente de aprendizagem, na sociedade atual possui uma amplitude maior, pois engloba vários ambientes que oportunizem, estimulem, favoreçam ou promovam o ensino e a aprendizagem.

O papel do professor também tem se transformado. Por muito tempo, ele era considerado o elemento mais importante da sala de aula. Sem ele o processo de aprendizagem não teria sentido. Ele era o detentor soberano do conhecimento e sua missão era transmitir esse conhecimento aos alunos, que atuavam como receptores de informações e reprodutores do conhecimento. Sua posição diante da turma, que ficava disposta em fila indiana não tinha um cunho de orientação, muito menos de mediação. Esta posição tem se transformado graças à influência das pedagogias progressistas. Não que alguns professores ainda sustentem uma abordagem tradicional. Não existem unanimidades na educação, mas a grande maioria atua mediando a aprendizagem e chegou a isso por um processo longo, cheio de incertezas e transformações.

Mediação não significa que o papel docente tenha sido reduzido, ou menosprezado, ao contrário, o seu papel se consolidou ainda mais, na medida que permite as trocas e as interações, considerando a gama de informações e conhecimentos que ganham novas proporções. Esperamos que a experiência narrada neste artigo possa contribuir para a compreensão do papel do professor na implementação das tecnologias da informação e comunicação em escolas públicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**: a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

NÓVOA, A. (Org.) **A Profissão Professor**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1995.



PERRENOUD, Philippe. **O ofício do aluno e sentido do trabalho escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.